

# OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



CENTRO DE ARQUEOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

**uniarq**

1 - 2017

OPHIUSSA. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

ISSN 1645-653X

Publicação anual

Volume 1 – 2017

Direcção e Coordenação Editorial:

Ana Catarina Sousa

Elisa Sousa

Rui Boaventura

Conselho Científico:

André Teixeira (Universidade Nova de Lisboa)

Carlos Fabião (Universidade de Lisboa)

Catarina Viegas (Universidade de Lisboa)

Gloria Mora (Universidad Autónoma de Madrid)

Grégor Marchand (Centre National de la Recherche Scientifique)

João Pedro Bernardes (Universidade do Algarve)

José Remesal (Universidade de Barcelona)

Leonor Rocha (Universidade de Évora)

Manuela Martins (Universidade do Minho)

Maria Barroso Gonçalves (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)

Mariana Diniz (Universidade de Lisboa)

Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)

Xavier Terradas Battle (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)

Secretariado: André Pereira

Capa: André Pereira sobre Báculo do Sobral do Martim Afonso (desenho de Marco Andrade).

Paginação: Elisa Sousa

Impressão: Europress

Data de impressão: Novembro de 2017

Edição impressa (preto e branco)

200 exemplares

Edição digital (a cores)

[www.ophiussa.lettras.ulisboa.pt](http://www.ophiussa.lettras.ulisboa.pt)

ISSN: 1645-653X

Depósito legal: 190404/03

Copyright © 2017, os autores

Edição:

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras de Lisboa

1600-214 – Lisboa

[www.uniarq.net](http://www.uniarq.net) - [www.ophiussa.lettras.ulisboa.pt](http://www.ophiussa.lettras.ulisboa.pt) - [uniarq@lettras.ulisboa.pt](mailto:uniarq@lettras.ulisboa.pt)

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

# OPHIUSSA

Volume 1, 2017, páginas 51-67

## O SÍTIO DO MOINHO DO CUSTÓDIO (ARRUDA DOS VINHOS): LEITURAS PRELIMINARES E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O POVOAMENTO CALCOLÍTICO NA PENÍNSULA DE LISBOA

ANA CATARINA SOUSA\*  
JORGE LOPES\*\*

### RESUMO

No âmbito da Carta Arqueológica de Arruda dos Vinhos (2013-2015) efectua-se uma leitura global das ocorrências datáveis do 4º e 3º milénios a.n.e. neste território. O sítio do Moinho do Custódio, identificado em 2006, é objecto de uma análise circunstanciada, com as limitações inerentes a recolhas de superfície. Apresenta-se ainda uma breve análise dos modelos de povoamento do Neolítico final e Calcolítico, confrontando os dados de Arruda dos Vinhos com o panorama da Península de Lisboa.

Palavras-chave: Calcolítico; Povoamento; Península de Lisboa.

### ABSTRACT

The Arruda dos Vinhos Archaeological Project (2013-2015) developed a global analysis of the occurrences dating to the 4th and 3rd millennium a.n.e. in this territory. The Moinho do Custódio site, identified in 2006, is the subject of a detailed analysis, with the limitations inherent in archeological surface materials collection. A brief analysis of the final Neolithic and Chalcolithic population settlement models is presented, comparing the Arruda dos Vinhos data with the Lisbon Peninsula panorama.

Keywords: Chalcolithic; Settlement; Lisbon Peninsula.

\* - Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Uniarq - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. sousa@campus.ul.pt

\*\* - Centro de Estudos e Investigação de Arruda dos Vinhos (CEIAV.) / Município de Arruda dos Vinhos. jlopes@cm-arruda.pt



## 1. NOTA PRÉVIA

Este trabalho enquadrou-se no projecto de Carta Arqueológica de Arruda dos Vinhos (CAAV) desenvolvido numa parceria protocolada entre o Município de Arruda dos Vinhos, a Faculdade de Letras de Lisboa e a UNIARQ (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa). Neste contexto, os trabalhos arqueológicos desenvolvidos entre 2013 e 2015 inserem-se em projecto de investigação plurianual de arqueologia (PIPA), aprovado pela Direcção Geral do Património Cultural, tendo sido integrados no Projecto Final de Mestrado em Arqueologia do signatário (Lopes 2016).

Contrastando com o panorama arqueológico regional da Península de Lisboa, onde na última década a intensificação dos trabalhos de investigação arqueológica tem evidenciado um aumento significativo dos números de sítios arqueológicos, o território do concelho de Arruda dos Vinhos regista escassa actividade arqueológica.

Situando-se no interior da Península de Lisboa, entre a área do estuário do Tejo e a costa atlântica, seria expectável que o território de Arruda dos Vinhos tivesse sido ocupado durante uma longa diacronia.

O levantamento da CAAV permitiu a realização de um primeiro diagnóstico da história de ocupação do território de Arruda dos Vinhos, contribuindo

para colmatar o vazio de informação, esperando-se que venha a constituir uma referência fundamental na investigação, gestão, preservação, salvaguarda e recuperação do património cultural do concelho.

Os trabalhos de prospecção arqueológica desenvolvidos permitiram identificar e relocalizar um total de 38 sítios, sendo destes 27 novas ocorrências, datadas entre o Neolítico e o período Contemporâneo.

A área prospectada abrangeu todo o território do concelho de Arruda dos Vinhos, em área urbana, agrícola e florestal, num total de 77 km<sup>2</sup>.

## 2. MOINHO DO CUSTÓDIO: UM NOVO POVOADO FORTIFICADO NA PENÍNSULA DE LISBOA?

### 2.1. HISTÓRIA DAS INVESTIGAÇÕES

A primeira referência a ocupações pré e proto-históricas no sítio do Moinho do Custódio remonta a 2006, no âmbito de comunicação de Guilherme Cardoso e António Gonzalez no *Seminário do Património da Região Oeste*, organizado em Arruda dos Vinhos. Esta comunicação viria a ser publicada em 2008 nas Actas do referido seminário (Cardoso - Gonzalez 2008), numa curta nota a um artigo especialmente direccionado para o estudo da Idade do Ferro em Arruda dos Vinhos.

Guilherme Cardoso e António Gonzalez referem



Fig. 1 - Vista geral do sítio (Orientação E-O).



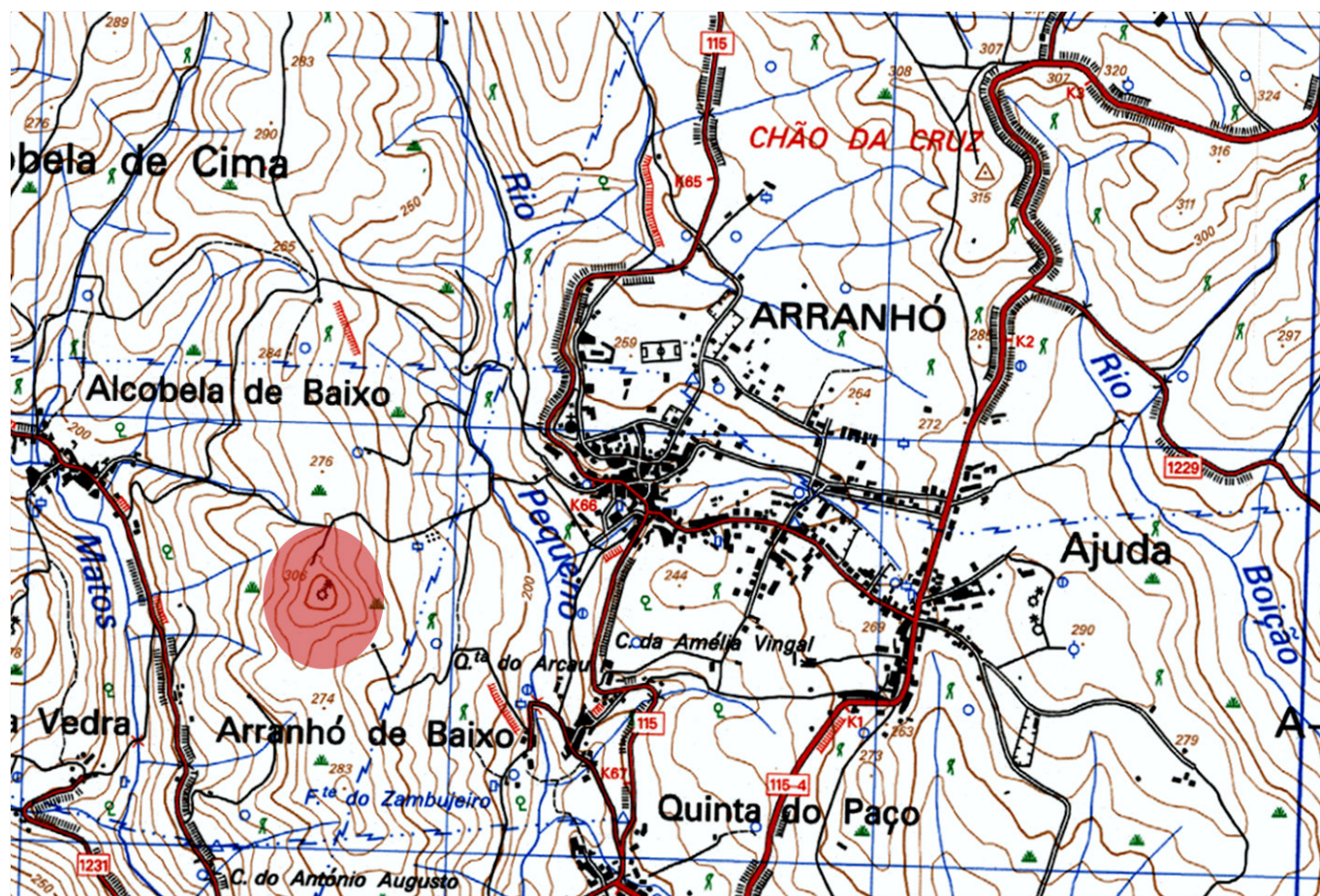


Fig. 2 - Localização do Moinho do Custódio (Carta Militar de Portugal 1:25 000, folha n.º 389).

a presença de materiais do Calcolítico, Ferro e época contemporânea neste local. Quanto aos contextos calcolíticos, é apresentado sumariamente o conjunto exumado: «alguns bordos de cerâmica espessados, uma ponta de seta, de base concava, uma lâmina, ambas as peças de sílex, e um machado de pedra polida em anfíbolito» (*idem, ibidem*). Refere-se ainda o contexto da recolha dos materiais, resultante de operações de remobilização de terras aquando das «obras de beneficiação do moinho e sua envolvente como miradouro» (*idem, ibidem*).

Em 2013, no contexto da Carta Arqueológica de Arruda dos Vinhos, procedeu-se à realocação do sítio, tendo sido efectuadas novas recolhas e a caracterização da morfologia da ocupação. Com a apresentação do relatório, o sítio foi integrado no Sistema de Informação Endovélico com o código nacional de sítio 35431.

Os trabalhos de caracterização de superfície foram efectuados em Janeiro de 2014, tendo a equipa integrado estudantes do Seminário de Arqueologia do Território / Mestrado em Arqueologia da Faculdade

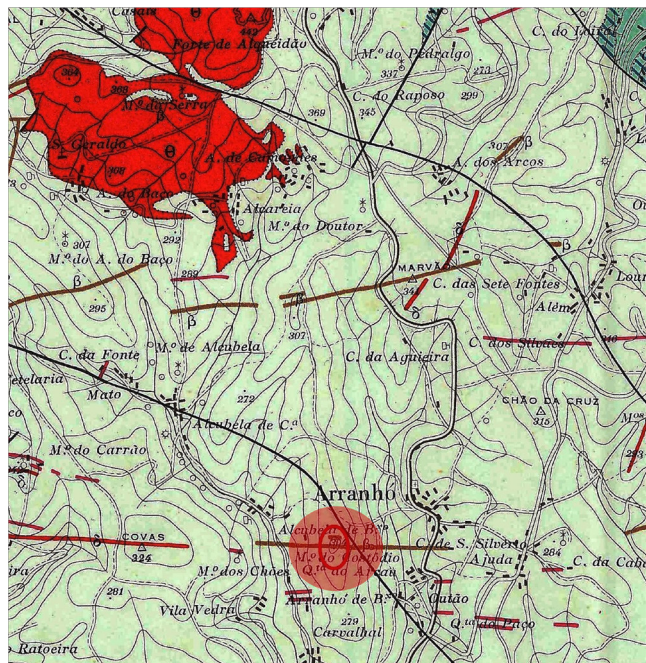
de Letras de Lisboa. Seguiu-se a metodologia geral do projecto CAAV, com a localização em área, consoante a dispersão dos materiais, fazendo o registo em ficha de registo de campo com as necessárias anotações, registo fotográfico, georreferenciação do sítio (com GPS) e localização na Carta Militar correspondente. Foram apenas recolhidos os materiais tipologicamente classificáveis.

## 2.2. LOCALIZAÇÃO E IMPLANTAÇÃO

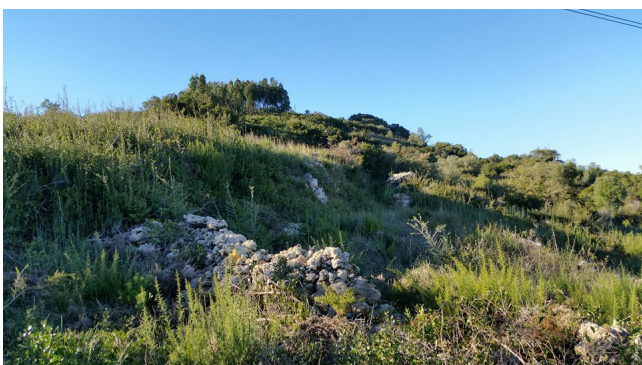
O topónimo deste sítio é conferido pela presença de um antigo moinho de vento localizado no ponto mais alto do esporão. A designação de Moinho do Custódio para aquela elevação deverá corresponder a um novo topónimo, contemporâneo da sua edificação.

O sítio do Moinho do Custódio localiza-se no interflúvio entre o rio do Matos e o rio Pequeno, a cerca de 1500 metros do núcleo urbano da freguesia de Arranhó, com acesso por caminho de terra batida, numa elevação de tipo esporão, na latitude -87597.59





**Fig. 3** - Localização do Moinho do Custódio na Carta Geológica de Portugal.



**Fig. 4** - Vista da vertente de Moinho do Custódio com vários marroços de pedra.

e longitude -79122.24 (Datum 73), localizado na folha nº 389, da Carta Militar de Portugal 1: 25 000 e na folha 34-B (Loures), da Carta Geológica de Portugal à escala 1:50 000.

A litologia do local é constituída essencialmente por formações de margas calcárias, alternando com calcários e arenitos. Quanto à morfologia da freguesia de Arranhó, esta insere-se em zona de camadas de Abadia e formações do complexo pteroceriano, que pertencem a um afloramento com cerca de 10 km de largura e 14 km de comprimento, e se estende entre Runa, Montejunto, Serra da Atougia e Arruda, apresentando como principais características a alternância de níveis gresomargosos e calcários (Oliveira 2012). A área do sítio do Moinho

do Custódio está inserida na «Formação de Arranhó», caracterizada especificamente por calcários e margas com presença fóssil de origem marinha datada do Títoniano Inferior (Oliveira 2012).

O uso actual do solo é caracterizado por zona de baldio, e, agrícola a Este e a Sul.

Localizando-se a uma altitude de 275 metros, Moinho do Custódio apresenta um discreto domínio sobre a paisagem, localizando-se entre o Rio do Matos e o Rio Pequeno, afluentes do Rio Trancão. Tem um controlo de paisagem circular, para todos os quadrantes.

### 2.3. DESCRIÇÃO DO SÍTIO

No topo do sítio encontra-se um moinho de alvenaria de forma cilíndrica, propriedade do município. Até 2005, esta estrutura encontrava-se abandonada e em ruína, conservando-se apenas as paredes. Não possuía engenho de moagem, capelo e velas, mas possivelmente utilizava o sistema com vela latina. Foi reparado no ano de 2005, segundo informações do presidente da Junta, tendo sido cimentado, pintado e colocada iluminação no seu exterior.

A elevação onde se encontra o Moinho do Custódio foi substancialmente afectada pelas referidas obras realizadas em 2005, as quais incluíram a recuperação do edifício do Moinho, a construção de um miradouro, a abertura de valas para instalação de rede eléctrica e o alargamento do caminho.

A prospecção que pudemos efectuar em 2013 e 2014 revelou uma realidade já sedimentada e com menor visibilidade do que certamente oferecia o terreno aquando das obras de requalificação. A maior parte dos materiais arqueológicos (cerâmica, pedra polida, pedra lascada, pedra afeiçoada, metalurgia) foram recolhidos na zona de alargamento do caminho, possivelmente ficaram visíveis à superfície devido à mecânica da água em tempo de chuva.

A área prospectada em 2014 tem cerca de 2 hectares. Foram recolhidos materiais identificados num raio de cerca de 50 metros do ponto mais alto da elevação onde se localiza o miradouro do Moinho do Custódio, especialmente na vertente Este.

A sul e a Este do moinho, a meia encosta, foi possível detetar a presença de aglomerados pétreos, incluindo construções de forma linear (muro/muralhas?) e outras com formas angulares e e sub-circulares. Associados a estas construções foram recolhidos materiais cerâmicos calcolíticos.

Também Guilherme Cardoso e A. Gonzalez



**Fig. 5a** - Vista para Arranhó e Forte da Carvalha.



**Fig. 5b** - Vista para o Forte do Alqueidão.



**Fig. 5c** - Vista para o Tejo.



**Fig. 5d** - Formações rochosas a Este do Moinho.

**Fig. 5** - Visibilidade a partir do Moinho do Custódio.

referem a presença de possíveis construções: «cerca de 300 m para Norte, junto ao caminho de acesso, observam-se também fragmentos de cerâmica pré-históricas e um círculo de pedras aflora à superfície» (idem, ibidem, p. 129). Com esta localização (300 m para Norte) não detectámos qualquer estrutura, estando os aglomerados de pedra a cerca de 50 m do topo da elevação.

É possível que a actual configuração de esporão aplanado da elevação onde se localiza o Moinho do Custódio tenha sido acentuada com as referidas obras de valorização em 2006.

#### **2.4. MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS**

Como referido, Cardoso e Gonzalez, dataram os materiais recolhidos do período Calcolítico, Idade do Ferro e período Contemporâneo (Cardoso - Gonzalez 2008).

O conjunto recolhido é pequeno mas significativo para permitir um diagnóstico da cronologia e tipo de ocupação.

Os materiais integráveis numa cronologia pré-histórica são maioritários. Excluem-se da análise do presente artigo os materiais de cronologias históricas, devendo ser referida a sua presença nas recolhas de 2014, incluindo ainda materiais de cronologia da Idade do Ferro, de cronologia romana e de época contemporânea.

A dispersão de cerâmica em toda a área prospectada é elevada, no entanto, a grande maioria das cerâmicas que se encontram à superfície encontram-se muito fragmentadas ou roladas, o que dificulta a sua classificação. A amostra de materiais cerâmicos apresenta diversidade no tipo de pastas, nomeadamente, pastas compactas, pouco compactas e homogéneas, com quantidade abundante, pouco abundante e rara de elementos não plásticos.



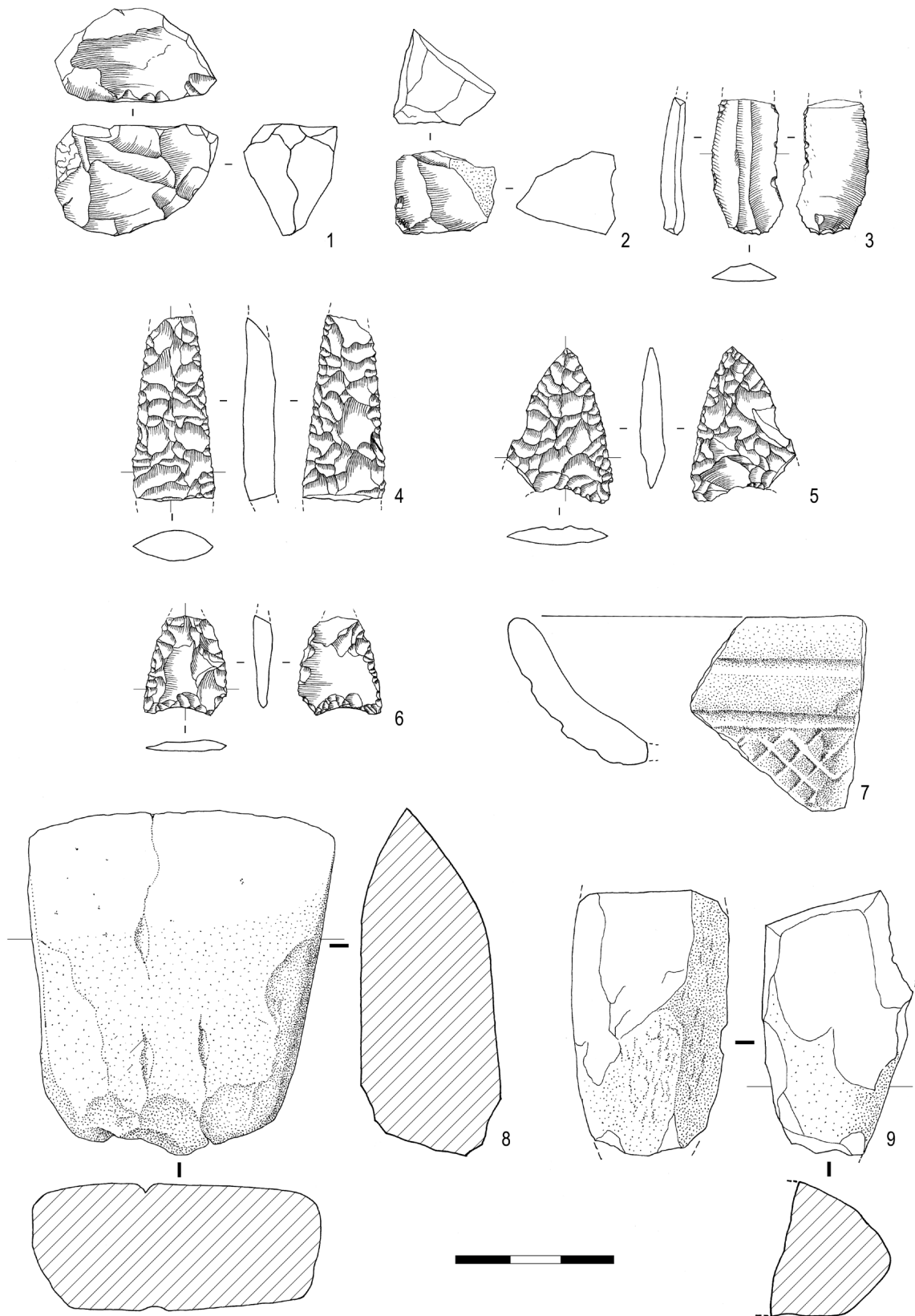


Fig. 6 - Espólio material recolhido no Moinho do Custódio (amostragem). Desenhos de Fernanda Sousa.



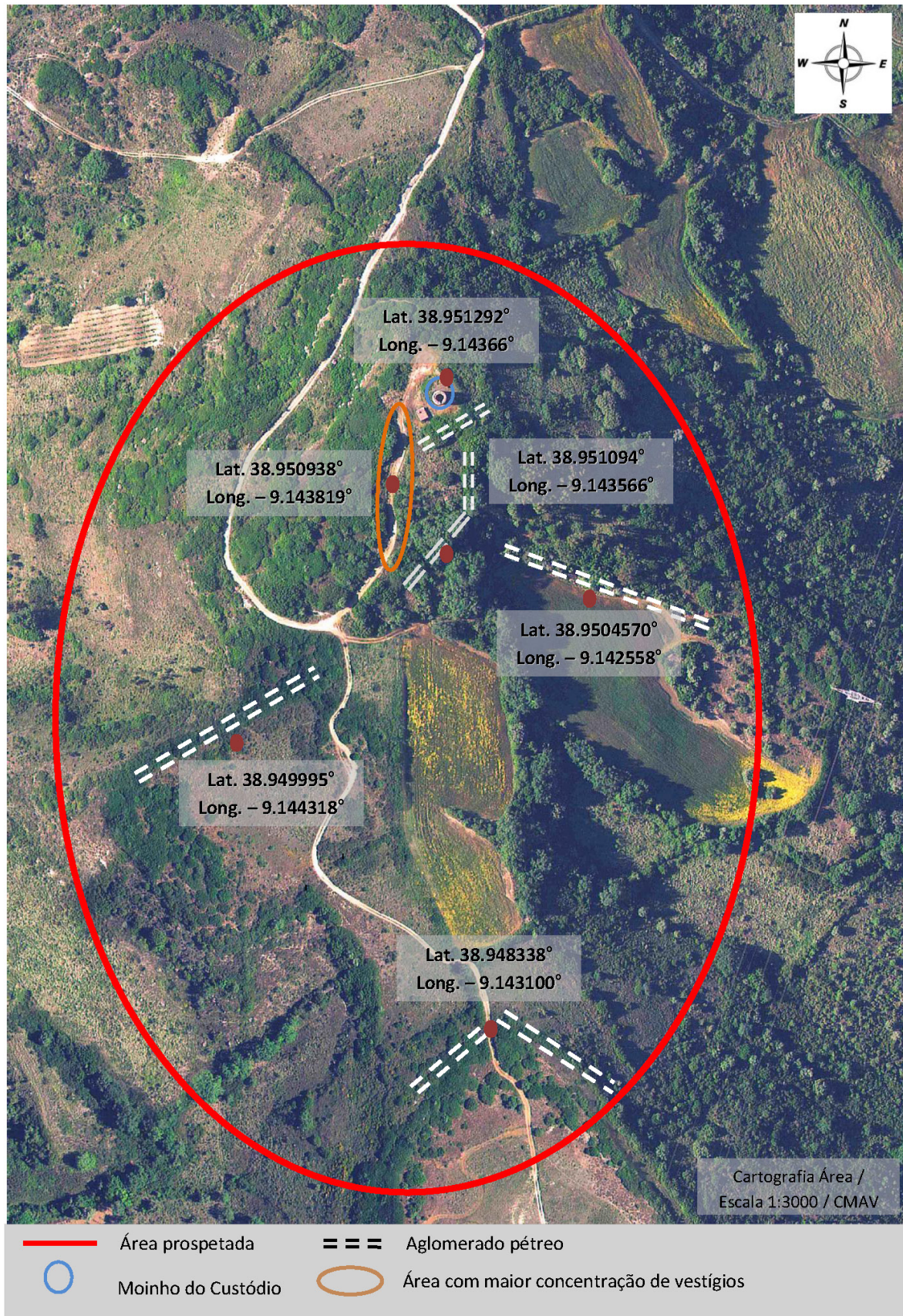


Fig. 7 - Ortofotomapa de Moinho do Custódio com indicação de dispersão de achados.



<b>Lista de materiais pré-históricos recolhidos em Moinho do Custódio</b>			
	<b>Recolhas 2006</b> Cardoso e Gonzalez, 2008	<b>Recolhas 2014</b> Projecto CAAV	Total
<b>Pedra Lascada</b>			
Núcleo sílex		3	3
Lasca sílex		6	6
Lâmina sílex		1	1
Ponta de seta	1	5	6
<b>Pedra polida</b>			
Machado	1	2	3
<b>Pedra afeiçoada</b>			
Percutor		3	3
<b>Recipientes Cerâmicos</b>			
Lisa	*	2	2
Decorada		2	2
<b>Componentes de tear</b>			
Peso		1	
<b>Metalurgia</b>			
Pingos de fundição		2	2
	2	30	32

**Fig. 8** - Materiais pré-históricos recolhidos em Moinho do Custódio.

Apesar do conjunto dos materiais classificáveis ser relativamente pequeno, vários indicadores permitem a sua integração crono-cultural no 3º milénio a.n.e.

A presença de cerâmica com decoração geométrica do tipo folha de acácia (Gonçalves - Sousa 2007; Sousa 2010) é especialmente importante para uma integração cronológica no Calcolítico pleno, entre o 2º e 3º quartéis do 3º milénio. O machado com secção rectangular também surge maioritariamente no Calcolítico. Apesar de não ter sido efectuada análise dos pingos de fundição, uma análise macroscópica parece indicar que seriam de cobre, o qual surge na Estremadura portuguesa na referida cronologia.

A tipologia dos materiais parece configurar uma ocupação doméstica, de tipo povoado, estando presentes as principais categorias artefactuais do Neolítico / Calcolítico, exceptuando o osso polido e o adorno, ausências compreensíveis face à natureza superficial das recolhas. Estão presentes vestígios de várias actividades.

## **2.5. AS LEITURAS POSSÍVEIS**

É impossível determinar a cronologia de ocupação deste sítio exclusivamente com materiais de superfície, sendo apenas possível estabelecer um balizamento de ocupação genérico.

Não existem quaisquer materiais que indiquem uma ocupação do Calcolítico inicial ou do Neolítico final mas apenas através da prossecução de trabalhos de escavação poderíamos estabelecer um diagnóstico com alguma segurança. Mais uma vez se cita o caso do Penedo do Lexim (Mafra) que não tinha qualquer indicio de ocupação do Neolítico final nas primeiras campanhas mas que depois veio a revelar a presença de ocupações de finais do 4º milénio (Sousa 1999). Idênticas observações foram avançadas para o estudo do conjunto da Ota, Alenquer (Texugo 2016).

A ausência de cerâmica campaniforme pode também evidenciar a natureza dos trabalhos de recolha. O significado da presença / ausência de campaniforme não assume um significado cronológico, pois parece cada vez mais claro que não



existe Calcolítico campaniforme, mas Calcolítico com campaniforme, coexistindo povoados da mesma região com e sem a presença destas cerâmicas. A cerca de 5 km do Moinho do Custódio, no sítio do Castelo (ou Paço) foram recolhidas cerâmicas campaniformes (Gonçalves 1997) podendo surgir aqui uma situação de presença / ausência já detectadas noutros contextos, nomeadamente na área da Ribeira de Cheleiros (Mafra / Sintra) onde coexistem a 2 km de distância, Penedo do Lexim, quase sem cerâmica campaniforme e Anços, com abundante cerâmica (Sousa 2010).

O sítio do Moinho do Custódio enquadra-se assim, no perfil dos povoados do Calcolítico Peninsular, embora não seja possível definir com segurança se se trata ou não de um povoado muralhado.

Assume-se que a estratégia de ocupação do Moinho do Custódio teve como princípio a função do controle da paisagem, onde a visibilidade deste sítio é de longo alcance, nomeadamente, para o vale do Rio Boição, afluente do rio Trancão. Estes elementos apontam no sentido de uma mesma unidade na seleção e concepção da paisagem enquanto espaço.

A presença de construções de pedra a meia encosta poderá indicar a presença de muralhas. A sedimentação neste tipo de elevações é reduzida, expondo à superfície este tipo de estruturas. Circunstâncias de preservação como do Castro do Zambujal são muito raras (Kunst 2010), na maior parte dos contextos existe uma fraca sedimentação, como em Leceia (Cardoso 2010) ou mesmo à superfície, como sucede no Penedo do Lexim (Sousa 2010).

A identificação dos povoados fortificados estremenhos é antiga, com um grande conjunto identificado em finais do século 19, tal como é o caso de Pragança, Penedo do Lexim, Leceia, Chibanes, Olelas, Outeiro da Assenta, Outeiro de São Mamede, Columbeira, Rotura. Outros dos povoados fortificados foram identificados na primeira metade do século 20, como Vila Nova de São Pedro, Ota, Zambujal, Penha Verde, Pedra d'Ouro, Fórnea, Outeiro Redondo. Escassos são os sítios fortificados identificados em finais do século 20 / século 21, correspondendo unicamente a Moita da Ladra, em Vila Franca de Xira (Cardoso 2010, 2014) e Castelo, Arruda dos Vinhos (Gonçalves 1997). São também escassas as intervenções recentes, de finais do século 20 / inícios do século 21.

Apesar da longa história das pesquisas, o panorama de investigação dos povoados fortificados estremenhos é assim incipiente. Até ao momento

foram identificados 22 sítios muralhados calcolíticos na Estremadura mas apenas 17 foram escavados, possibilitando a confirmação da presença de muralhas (Outeiro da Assenta; Outeiro de S. Mamede; Columbeira; Vila Nova de São Pedro; Pragança; Ota; Fórnea; Zambujal; Pedra do Ouro; Castelo; Penedo do Lexim; Moita da Ladra; Olelas; Penha Verde; Leceia; . Chibanes; Outeiro Redondo). Se considerarmos os sítios com plantas definidas, apenas podemos elencar Leceia, Castro do Zambujal, Moita da Ladra e Vila Nova de São Pedro.

Existem ainda cinco possíveis povoados fortificados com insuficiente informação: Castro da Achada, Torres Vedras (Spindler 1976), Penedo, Torres Vedras (Spindler - Trindade 1970), Rotura, Setúbal (Gonçalves 1971) e Paço, Peniche (Sá - Cheney 2007) e agora também Moinho do Custódio, Arruda dos Vinhos. A inclusão destes cinco sítios no inventário de povoados fortificados é naturalmente duvidosa. Apenas o povoado da Rotura foi escavado e datado (Gonçalves - Sousa 2007). No que se refere aos restantes sítios, as evidências das possíveis muralhas são superficiais, podendo corresponder a cronologias mais recentes.

### 3. ENQUADRAMENTO REGIONAL: O POVOAMENTO DO 4º E 3º MILÉNIO A.N.E. EM ARRUDA DOS VINHOS

O território de Arruda dos Vinhos encontra-se no hinterland da Península de Lisboa, com contacto visual com o Tejo mas sem acesso directo ao grande rio. A paisagem é marcada pela bacia hidrográfica do Rio Grande da Pipa, curso de água que nasce em Sobral de Monte Agraço, passa pela actual vila de Arruda dos Vinhos, afluindo no Rio Tejo na zona do Carregado. Outras bacias hidrográficas cruzam o concelho, nomeadamente a bacia do Rio Trancão, a Sul; a Norte com a bacia do Rio Alenquer, a Oeste com a bacia do Rio Sizandro e a Este com a bacia do Tejo.

No actual estado das pesquisas dificilmente podemos estabelecer modelos de povoamento para este território. Foram identificados 11 sítios integráveis genericamente no 4º-3º milénio (Lopes 2016), mas apenas possuímos informação suficiente para três dos sítios: o sítio fortificado do Castelo (Gonçalves 1997), a Anta de Arruda (Vasconcellos 1898; Leisner 1965; Boaventura 2009) e, de alguma forma, Moinho do Custódio. Os restantes sítios apenas revelaram materiais que não permitem avançar com uma cronologia relativa mais precisa no Neolítico e Calcolítico: Vinha da Quinta da Crispina,

N.S.Monte, Moinho da Serra, Casal das Contradinhas, Casal da Anta de Cima, Casal da Espadaneira, Alto de Vila Vedra, Alto das Contradinhas.

A questão dos problemas da visibilidade dos contextos arqueológicos na Península de Lisboa tem vindo a ser analisada por um dos signatários, especialmente para a região da Ribeira de Cheleiros (Sousa 2009, 2010).

A generalidade dos sítios neolíticos e calcolíticos identificados na Estremadura corresponde maioritariamente a intervenções pontuais e isoladas, sem existir uma metodologia específica de pesquisa territorial. Projectos como de Carta Arqueológica assumem assim uma especial importância para colmatar vazios de informação. Recentemente têm vindo a ser realizadas novas cartas arqueológicas na Estremadura portuguesa, nomeadamente em Vila Franca de Xira (Pimenta - Mendes 2017), Peniche (Associação *Patrimonium*) e, claro, Arruda dos Vinhos.

A importância de efectuar trabalhos prolongados de prospecção e acompanhamento arqueológico ficou evidente para a área da Ribeira de Cheleiros, onde pude efectuar trabalhos entre 1997 e 2011. Entre 1996, data do início dos meus trabalhos na região, e 2011, o povoamento Neolítico e Calcolítico passou de 12 para 35 sítios (33 povoados), invertendo-se a quantificação de partida: em 1996 quantificavam-se quatro sítios em Mafra e nove em Sintra e actualmente registam-se 23 povoados em Mafra e apenas 10 em Sintra (Sousa 2010).

Para além da inexistência de projectos de prospecção sistemática, a leitura do povoamento neolítico e calcolítico na área estremenha tem outras limitações. Por um lado, a intensa ocupação antrópica na área de Lisboa ocultou e possivelmente destruiu parte considerável dos vestígios pré-históricos. Por outro lado, o relevo e o coberto vegetal dificultam a visibilidade do terreno. Deve salientar-se que, possivelmente o sítio do Moinho do Custódio apenas se detectou na sequência das obras efectuadas na envolvente do Moinho. Alguns dos povoados detectados na prospecção podem apresentar melhores níveis de preservação, mas face à escassez de indicadores de superfície, o estudo do povoamento neolítico e calcolítico desta região restringe-se praticamente ao sítio do Castelo (Gonçalves 1997), a Anta de Arruda (Cruz 1897; Vasconcelos 1915; Leisner 1965; Boaventura 2009) e agora ao sítio do Moinho do Custódio.

Apesar da reduzida dimensão do concelho (77 km<sup>2</sup>) podemos identificar unidades de paisagem, correspondendo praticamente às quatro freguesias

do concelho (Arruda dos Vinhos, Arranhó, S. Tiago dos Velhos).

A área estruturante é sem dúvida o vale de Arruda. Situando-se na área Este do concelho, por influência do Rio Grande da Pipa, nesta área desenvolvem-se as práticas agrícolas de plantação de vinha, correspondendo praticamente às freguesias de Arruda e Cardosas.

A bacia hidrográfica do Rio Grande da Pipa tem uma área aproximada de 110 km<sup>2</sup>, confinando a Norte com a bacia do Rio Alenquer, a Sul com a bacia do Rio Trancão, a Oeste com a bacia do Rio Sizandro e a Este com a bacia do Tejo (Oliveira 2012).

A relação com Rio Tejo e a oscilação flandriana do nível de água do mar, deverá ter exercido uma influência no traçado do Rio Grande da Pipa, o qual decerto teria certamente um caudal mais pronunciado.

A maior parte das ocorrências integráveis no 4º e 3º milénios identificadas no concelho de Arruda localiza-se justamente na bacia do Rio Grande da Pipa (8 dos 12 sítios identificados), incluindo os únicos sítios escavados e datados: a Anta de Arruda e o sítio do Castelo. Em geral a localização destes povoados obedece a uma estratégia ocupação do espaço bem definida durante o Calcolítico peninsular: “não privilegia necessariamente os pontos mais elevados, mas antes locais de altitude media, com áreas de ocupação restrita” (Sousa 1998: 55).

O sítio do Moinho do Custódio localiza-se numa unidade de paisagem distinta, em área subsidiária ao Rio Trancão. Nesta área apenas foram identificados mais três sítios (Alto de Vila Vedra, Cabeço das Contradinhas; Alto das Contradinhas). Contudo, deve ser realçado que o povoamento da bacia do Trancão deve ser interpretado em conjunto, incluindo os sítios localizados nos concelhos limítrofes. Destaca-se a proximidade ao *tholos* da Tituaria, em Mafra, apenas a 4 km (Cardoso *et al.* 1996). Apesar de ambos os sítios se localizarem em pontos elevados, não existe intervisibilidade directa entre o sítio do Moinho do Custódio e o sítio do Castelo, distando apenas 7 km.

Em termos diacrónicos, a informação é extremamente escassa. Não existe qualquer indício de ocupação das fases iniciais do Neolítico, apesar de não ser impossível que alguns dos sítios detectados possa possuir uma ocupação antiga, como sucede por exemplo no sítio da Moita da Ladra, em Vila Franca de Xira (Cardoso 2014).

No actual estado dos conhecimentos, a Anta de Arruda é o único sítio localizado no concelho datado do Neolítico final. A datação absoluta obtida

DATAÇÕES ABSOLUTAS DE CONTEXTOS 4º E 3º MILÉNIO – ARRUDA DOS VINHOS						
Refª Lab.	Tipo amostra	Contexto	Data Convencional	Data cal.	Data cal.	Bibliografia
			(BP)	(1σ) Cal BC	(2σ) Cal BC**	
<b>CASTELO</b>						
ICEN-940	Osso	camada 2ª	4080 +-60	2856-2496	2874-2463	Marques Gonçalves 1997
ICEN-1031	Osso	camada 2B	4050+-110	2862-2459	2888-2210	
<b>ANTA DA ARRUDA</b>						
Beta-229854	Osso		4080 +-60	3100-2920	3330-2910	Boaventura 2009

**Fig. 9** - Datações absolutas de contextos 4º e 3º milénio - Arruda dos Vinhos.

indica uma cronologia da transição 4º - 3º milénios (Boaventura 2009), correspondendo possivelmente à fase inicial dos construtores. Associada a esta fase estaria a pedra polida, as lâminas pouco retocadas, o núcleo de lamelas, a placa de xisto e possivelmente as duas grandes pontas de tipo punhal (Boaventura 2009). Certamente que o monumento foi reutilizado durante o 3º milénio, com uma ocupação derradeira incluindo cerâmica campaniforme. A presença de artefactos votivos de calcário poderá incluir-se na primeira fase ou em fase intermédia, em inícios do 3º milénio. Apenas subsistiram vestígios osteológicos de seis indivíduos (*idem, ibidem*), mas a recolha não foi sistemática.

Possivelmente este monumento já se encontrava muito afectado aquando dos trabalhos de escavação de José Leite Vasconcellos em 1898. Rui Boaventura sugere que este monumento teria sido destruído em inícios do século 20: «O facto do casal Leisner ter utilizado o desenho disponível no Museu, e não realizar o registo *in loco*, como fez para quase todas as antas de Lisboa entre 1943-1944, deve-se, com certeza, a esta se encontrar já destruída naquele período, o que é referido» (Boaventura 2009: 172).

São conhecidas diversas referências a antas, quer no território de Arruda dos Vinhos quer na região. A Anta da Arruda situar-se-ia, de acordo com J. L. Vasconcellos no Casal das Antas de Baixo, existindo ainda a Sul o Casal das Antas de Cima. Fizemos prospecção detalhada em ambos os sítios, tendo sido detectado um maroiço de pedras que poderia localizar-se na área onde possivelmente se localizava a Anta mas esta observação necessita de ser confirmada através de trabalhos de remoção de pedras e limpeza.

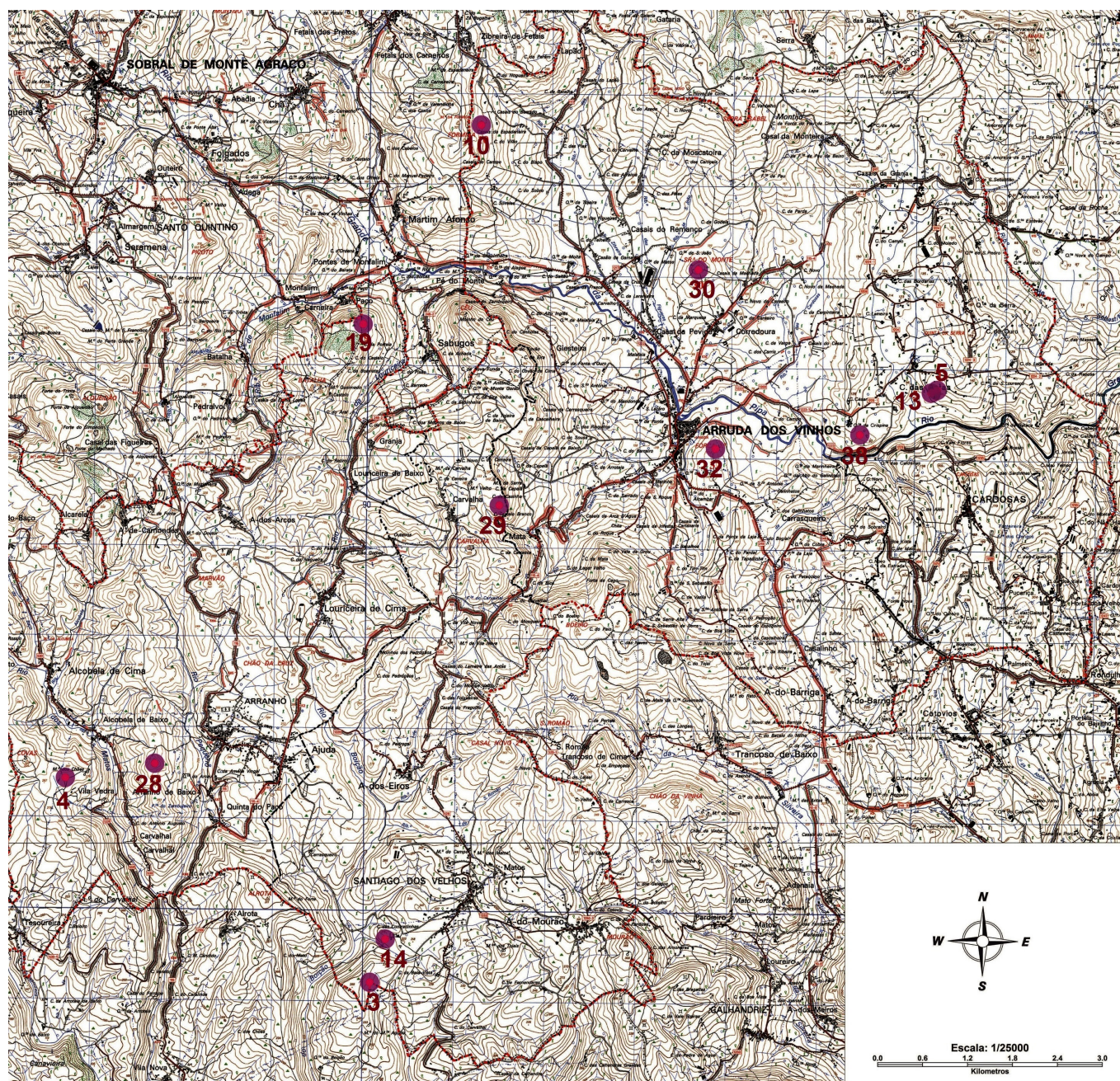
Os locais de povoamento atribuíveis

ao Neolítico final na Península de Lisboa são relativamente escassos. O paradigma do «horizonte da Parede» condiciona um pouco a nossa leitura, uma vez que restringe o Neolítico final a determinados fosséis directores como os bordos denteados ou as taças carenadas (Gonçalves 1995). Considerando que a maior parte dos sítios de habitat do Neolítico final na Península de Lisboa foram classificados apenas através de recolhas de superfície ou de materiais sem contexto, a «lista curta», com datações e contextos, limita-se aos sítios da Parede (Gonçalves 2005; Pombal 2006), Vale de Lobos (Valente 2006), Espargueira (Encarnação 2010) e Penedo do Lexim (Sousa 1998), Lameiras (Davis - Simões 2016). É particularmente relevante a escassez de contextos na área a Norte de Mafra, nomeadamente no vale do Sizandro, onde se concentram tantas necrópoles e com um intenso povoamento do 3º milénio. A ausência (ou invisibilidade) em Arruda dos Vinhos é assim compreensível.

É no 3º milénio que se verifica a presença de uma mais visível malha de povoamento: Castelo (Gonçalves 1997) e Moinho do Castelo. Como atrás referimos, estes sítios aparentemente estariam inseridos em unidades de paisagem distintas, embora seja difícil sustentar a ausência da sua relação, atendendo à curta distância que os separa.

Para o sítio do Castelo, as escavações arqueológicas e as datações radiocarbónicas evidenciam uma cronologia que recua ao segundo século do 3º milénio, como aliás sucede na maior parte dos povoados fortificados (Gonçalves *et al.* 2013). A esta cronologia de fundação, integrável no Calcolítico inicial, estariam associados materiais como copos e taças caneladas, ausentes do Moinho do Custódio. Obviamente que os escassos materiais recolhidos no





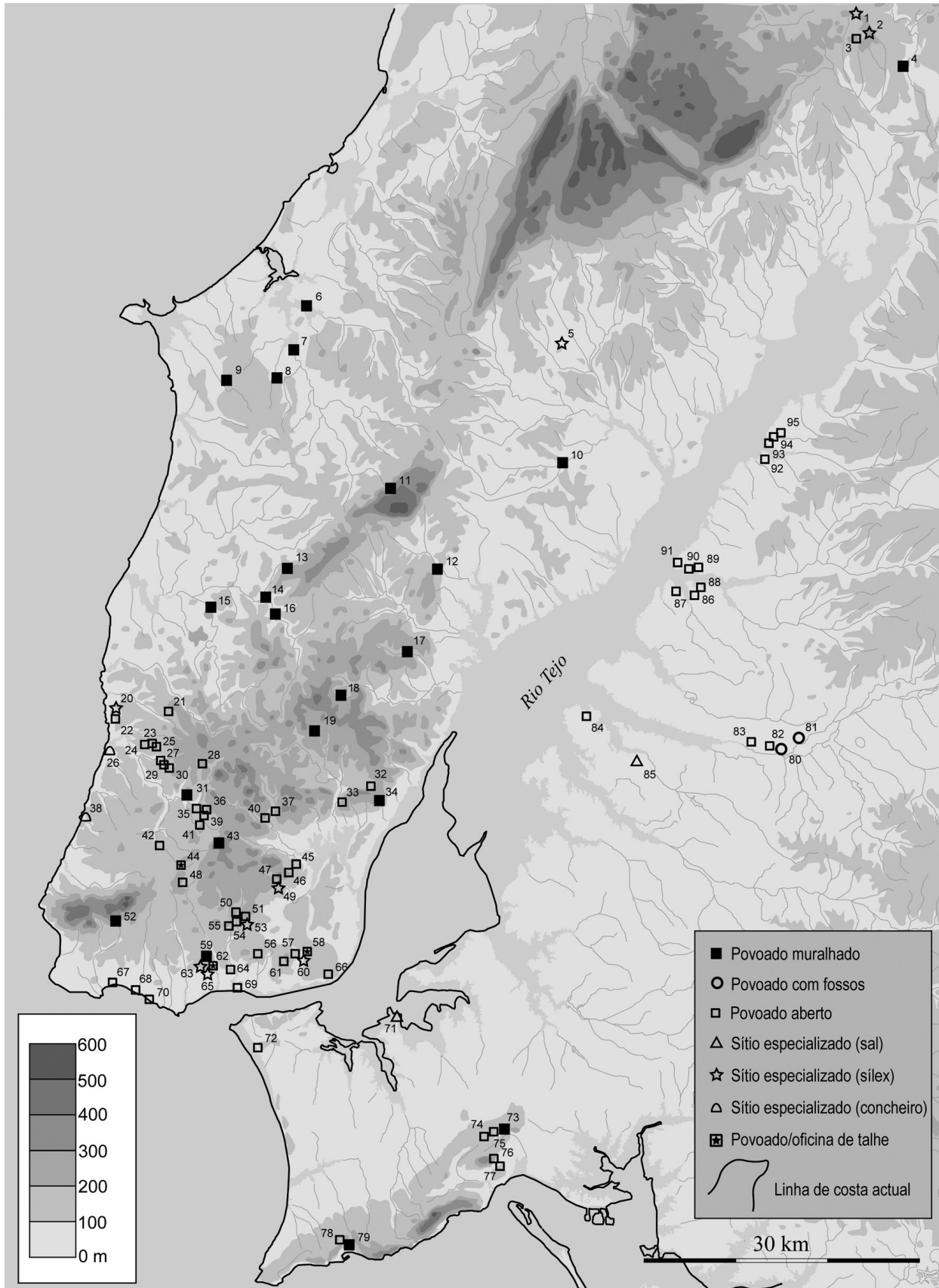
**Fig. 10** - Sítios do 4º e 3º milénio no concelho de Arruda dos Vinhos: 3. Alto das Contradinhas; 4. Alto de Vila Vedra (CNS: 35404); 5. Anta de Arruda (CNS: 2237); 10. Casal da Espadaneira (CNS: 35409); 13. Casal das Antas de Cima (CNS : 35417); 14. Casal das Contradinhas (CNS: 35421); 19. Castelo / Forte do Paço (CNS: 3588); 28.Moinho do Custódio (CNS: 35431); 29. Moinho da Serra (CNS: 35430); 30. Nossa Senhora do Monte (CNS: 35432); 32. Quinta da Forca (CNS: 35435); 38. Vinha da Quinta da Crispina (CNS: 15273).

Moinho do Custódio não permitem estabelecer um faseamento de ocupação com segurança, mas deve ser realçada a presença de povoados fortificados construídos numa fase mais evoluída do 3º milénio, como sucede em Penha Verde, em Sintra (Cardoso 2010-2011) ou Moita da Ladra, em Vila Franca de Xira (Cardoso 2014), com datações absolutas associadas a cerâmicas do grupo folha de acácia e campaniformes.

Também o povoado da Ota parece apresentar uma cronologia do Calcolítico pleno, a avaliar pelas presenças de cerâmica decorada do Grupo Folha de Acácia (Texugo 2016).

No sítio do Moinho do Custódio não foram recolhidas cerâmicas com a clássica decoração em espiga de tipo «folha de acácia». Porém, a presença de um fragmento de pote com canelura funda e





**Fig. 11** - Mapa do povoamento do 4º e 3º milénio na Estremadura portuguesa, incluindo-se apenas os sítios escavados ou com informação relevante. Base cartográfica elaborada por Maia Langley e Rui Boaventura.

<p><b>POVOADOS MURALHADOS:</b> 4: Fonte Quente 1 e 2; 6: Outeiro da Assenta; 7: Outeiro de São Mamede; 8: Columbeira; 9: Moinho do Custódio (?); 10: Vila Nova de São Pedro; 11: Pragança; 12: Ota; 13: Castro da Achada; 14: Fórnea; 15: Zambujal; 16: Penedo (?); 17: Pedro do Ouro; 18: Castelo; 19: Paço (?); 31: Penedo do Lexim; 34: Moita da Ladra; 43: Olelas; 52: Penha Verde; 59: Leceia; 73: Chibanes; 77: Rotura (?); 79: Outeiro Redondo.</p>
<p><b>SÍTIOS COM FOSSOS:</b> 80: Cabeço do Pé da Erra; 81: Barranco do Farinheiro 2.</p>
<p><b>POVOADOS ABERTOS/INDETERMINADOS:</b> 3: Castelo de Ourém; 5: Riba-Rio; 6: Amaral; 21: Cova da Baleia; 22: Casal Cordeiro 5; 23: Sobreiro; 24: Casas Velhas; 25: Gonçalvinhos; 27: Quintal; 28: Cabeço de Palheiros; 29: Cabecinho da Capitôa; 30: Sopé do Cabecinho da Capitôa; 32: Casal do Penedo 1; 33: Moinho dos Bichos; 35: Anços; 36: Negrais (Barruncheiros); 37: Salemas; 39: Negrais (Pedraceiras); 40: Ponte da Lousa; 41: Negrais (Fonte Figueira); 42: Lameiras; 43: Casal do Mortal; 46: Gaitadas; 47: Cabeço da Amoreira; 48: Vale de Lobos; 50: Alto da Cabreira; 51: Espargueira; 54: Baútas; 55: Serra das Éguas; 56: Alfragide; 57: Vila Pouca; 61: Montes Claros; 64: Carnaxide; 66: Encosta de Santana; 67: Estoril; 68: Parede; 69: Alto do Dafundo; 70: Murtal; 72: Miradouro dos Capuchos; 74: Alto de São Francisco; 75: Moinho da Fonte do Sol; 76: Pedrão; 78: Zambujal; 82: Catarroeira; 83: Monte do Lacrau; 84: Monte da Foz; 86: Sobral do Martim Afonso; 87: Vale de Lobos 4; 88: Adua 1; 89: Forno o Tijolo 2; 90: Olival de Vasques; 91: Porto do Sabugueiro (Alqueve 1 e 2); 92: Alto dos Cacos; 93: Cabeço da Bruxa; 94: Alto do Castelo; 95: Tanchoal.</p>
<p><b>POVOADOS ABERTOS/OFICINAS DE TALHE:</b> 44: Penedo da Cortegaça; 58: Santana; 62: Carrascal.</p>
<p><b>SÍTIOS ESPECIALIZADOS (PRODUÇÃO DE SAL):</b> 71: Ponta da Passadeira; 85: Monte da Quinta 2.</p>
<p><b>SÍTIOS ESPECIALIZADOS (OFICINAS DE TALHE DE SÍLEX):</b> 1: Casas de Baixo; 2: Cabeça Gorda 1; 5: Arruda dos Pisões (Arneiro, Passal, Cabeço dos Mouros); 20: Casal Barril; 49: Pedreira do Aires; 53: Monte das Pedras; 60: Campolide; 63: Monte do Castelo; 65: Barotas.</p>
<p><b>SÍTIOS ESPECIALIZADOS (CONCHEIROS):</b> 26: São Julião; 38: Magoito.</p>

**Fig. 12** - Tipos de ocupação do 4º e 3º milénio na Estremadura portuguesa indicados na figura anterior.

decoreção geométrica, remete-nos para o universo do «Grupo da Folha de Acácia» (Gonçalves - Sousa 2006; Sousa 2010) que pode ser integrado numa cronologia do 2º e 2º quartel do 3º milénio.

Em muitos dos povoados fortificados situados na margem direita do Tejo verifica-se uma reocupação na Idade do Bronze e/ou Idade do Ferro, como sucede no Castelo, Pedra d'Ouro, Ota e Moinho do Castelo. Estas reocupações podem ocultar ou transformar as estruturas defensivas. É especialmente interessante a continuidade de utilização defensiva no sítio do Castelo (ou Paço), com estruturas de fortificação calcolíticas, ocupações da Idade do Ferro e a construção de um reduto das Linhas de Torres (obra militar nº 12 da 1ª linha defensiva). Da primeira fase de fortificações, refira-se a presença de uma muralha e de uma torre oca, componente «clássico» dos sistemas defensivos do Calcólítico.

Perante a falta de um programa de intervenção continuado, conduzido com metodologias modernas, não existe informação suficientemente detalhada para a generalidade dos povoados fortificados, nomeadamente para o sítio do Castelo

/ Paço. A complexidade de intervenção neste tipo de sítio é evidente, sendo necessário perspectivar a sua investigação em programas de longa duração, como sucedeu em Leceia (Cardoso 1997) com mais de 20 campanhas ou no Castro do Zambujal (Kunst 2010), ainda em escavação.

Parece também cada vez mais evidente que não podemos atribuir ao campaniforme um valor exclusivamente cronológico, uma vez que coexistem no mesmo período cronológico (meados a terceiro quartel do 3º milénio) sítios onde a cerâmica campaniforme está ausente ou em número muito escasso (Penedo do Lexim, Cabeço do Pé da Erra) e outros, na proximidade, onde esta está presente (Olelas, Barranco do Farinheiro) (Gonçalves - Sousa 2014; Gonçalves - Sousa no prelo). Também no território da Arruda dos Vinhos encontramos essa dicotomia, estando a cerâmica campaniforme presente no sítio do Castelo e ausente do Moinho do Custódio. As necrópoles da região são abundantes em campaniforme como sucede em Verdelha dos Ruivos, Vila Franca de Xira, Tituaría, Mafra e em escasso número, na Anta da Arruda.



Podemos afirmar que ao longo dos tempos a ocupação do território, desde períodos mais recuados até à época contemporânea (com a construção do sistema defensivo das Linhas de Torres), respeitou as características estratégicas que a paisagem estremenha oferece, nomeadamente, com a ocupação dos principais pontos de maior defensabilidade e a consequente defesa das rotas de circulação fluviais e terrestres pois, Arruda é um território de passagem a Norte do Tejo para Lisboa.

Desde os 4º e 3º milénios até aos finais do período sidérico, no território de Arruda verifica-se a localização de povoados nos cumes, em locais que apresentam grande defensabilidade natural, com domínio sobre as paisagens envolventes, assumindo um controlo efetivo sobre o território.

#### **4. REVISITANDO O POVOAMENTO DO 3º MILÉNIO NA PENÍNSULA DE LISBOA**

O sítio do Moinho do Custódio e o Castelo integram-se numa rede de povoamento do 3º milénio que ocupou «milimetricamente» o território da Península de Lisboa.

É sempre arriscado avançar com modelos hierárquicos de povoamento, atendendo ao carácter ainda insuficiente da documentação arqueológica disponível para os povoados fortificados estremenhos.

Mais de cem anos após as primeiras identificações dos «castros neolíticos» a informação disponível é ainda muito insuficiente, como bem atesta o caso do Castro do Zambujal: após mais de 50 anos de escavações, o sítio tem vindo a «crescer» em área e em complexidade (Kunst 2010; Kunst - Arnold 2011). Atendendo às características dos povoados fortificados, é bastante mais difícil utilizar meios de detecção remota, os quais têm sido sistematicamente utilizados para os recintos de fossos, por exemplo. No caso dos fossos, a enorme dimensão dos sítios tornaria quase impossível a obtenção de uma planta num prazo médio, vejam-se os trabalhos em Perdigões (Valera 2013) ou a dificuldade em cruzar dados de escavação com uma planta de síntese, como sucede em Porto Torrão.

Face ao exposto, temos sempre dificuldade em avançar com áreas e estabelecer hierarquias com base nas dimensões dos povoados. Aparentemente, não existem sítios muito grandes, de escala paralelizável com os recintos de fossos. Podemos apenas considerar duas escalas: lugares de dimensão

média / grande como Vila Nova de São Pedro, Leceia e Zambujal e sítio de pequena escala como Olelas, Penedo do Lexim, Fórnea, Pedra d'Ouro. Não existem indicadores de uma relação hierárquica entre os grandes e os pequenos sítios: elementos exóticos como variscite ou marfim estão presentes em ambos, não se registam diferenças na economia (nomeadamente na metalurgia e na fauna).

Recentemente, para o sítio da Moita da Ladra, João Luís Cardoso propõe um modelo explicativo de «especialização», associado à metalurgia: «A assinalável quantidade de artefactos metálicos, parte dos quais inclassificáveis e destinados à refundição, sublinha o carácter metalúrgico deste sítio e o seu papel na redistribuição de parte do volume das produções metálicas» (Cardoso 2014: 251). Para além da presença de elementos metálicos, é salientada a abundância de pontas de seta e a presença de elementos exógenos, provenientes da área da faixa piritosa ibérica, como as pontas de seta em xisto jaspoide ou, acrescentamos nós, a presença de ídolos de tipo andaluz.

Também para o povoado da Ota foi proposta uma utilização especializada na exploração do sílex (Texugo 2016), mas esta leitura carece de enquadramento cronológico.

Sendo arriscado estabelecer lugares centrais e avançar com funcionalidades específicas, parece clara a presença de um posicionamento milimétrico e equidistante entre os diversos povoados fortificados da Península de Lisboa. Tomando a malha administrativa concelhia, verifica-se a presença no mínimo de um povoado fortificado por concelho, frequentemente com dois pequenos sítios grupados. É justamente em torno de Leceia, Vila Nova de São Pedro e Zambujal que encontramos um maior vazío.

No caso do povoamento directamente associado ao Tejo, verificamos que na maior parte dos povoados fortificados se situa numa posição relativamente recuada, em associação directa a linhas de água subsidiárias. Apenas no caso de Moita da Ladra se verifica uma implantação sobre o estuário do Tejo. Os sítios do Castelo, Ota, Pedra d'Ouro e Vila Nova de São Pedro localizam-se num ponto mais recuado, como aliás sucede na faixa atlântica, entre Sintra e Peniche os povoados situam-se numa área mais recuada.

A presença de muralhas calcólicas em Moinho do Custódio está em aberto, necessitando de confirmação através de um programa de escavações e de geofísica. Porém o modelo de implantação defensiva é comum à maior parte dos

povoados da primeira metade do 3º milénio. Se considerarmos apenas os povoados com escavações (e preferencialmente com datações), verificamos que praticamente todos os sítios se implantam em locais elevados, com defensabilidade, apresentando muralhas. Os locais abertos sem defensabilidade que surgia no Neolítico final, como na Parede, em Negrais ou Vale de Lobos, são abandonados durante a primeira metade do 3º milénio.

Com uma história centenária de escavações, o concelho de Arruda dos Vinhos apresenta ainda mais dúvidas do que certezas quanto ao povoamento do Neolítico final e Calcolítico. Moinho do Custódio constitui mais um indicador que urge investigar para confrontar com os dados disponíveis para a Estremadura.

Mafra, Arruda dos Vinhos, Dezembro de 2016

#### Agradecimentos

Os autores agradecem a Fernanda Sousa, autora dos desenhos de material arqueológico, Marco António Andrade pela actualização do mapa geral de povoamento da Estremadura e Manuel Filipe Raimundo pela elaboração da Cartografia temática.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOAVENTURA, R. (2009) – *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vols., policopiado.
- CARDOSO, G. - GONZALEZ, A. (2008) - Novos dados sobre Arruda dos Vinhos na Idade do Ferro. In *Atas do I Seminário do Património da Região Oeste – 2006*. Arruda dos Vinhos: 127-133.
- CARDOSO, J. L. (1997) – *O povoado de Leceia sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa / Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2010): Povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): evolução arquitectónica do sistema defensivo e das técnicas construtivas correlativas. In GONÇALVES, V.S. - SOUSA, A.C. (eds.), *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénios a.n.e.* Cascais: 43-63 (Colecção Cascais Tempos Antigos 2).
- CARDOSO, J. L. (2010-2011) – O povoado calcolítico da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 18: 467-551.
- CARDOSO, J. L. (2014) - O povoado calcolítico fortificado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira, Lisboa): resultados das escavações efectuadas (2003-2006). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 21: 217-294.
- CARDOSO, J. L. - LEITÃO, M. - FERREIRA, O. V. - NORTH, C. T. - NORTON, J. - MEDEIROS, J. - SOUSA, P. F. (1996) – O monumento pré-histórico de Tituaria, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 6: 135-195.
- CRUZ, P. B. (1897) – Notícias várias: 3. Antiguidades de Arruda dos Vinhos. *O Arqueólogo Português* 3: 143-144.
- DAVIS, S. J. - SIMÕES, T. (2016): The velocity of ovis in prehistoric times: the sheep bones from early neolithic Lameiras, Sintra, Portugal. In DINIZ, M. - NEVES, C. - MARTINS, A. (eds.), *O neolítico em Portugal antes do Horizonte 2020: perspectivas em debate*. Lisboa: 51-66 (Monografias da AAP, 2).
- ENCARNAÇÃO, G. (2010) – *As cerâmicas carenadas do povoado da Espargueira (Serra das Éguas, Amadora)*. Um contributo para o seu estudo. Tese de Mestrado em Arqueologia apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- GONÇALVES, J. L. M. (1993) - *O sítio arqueológico do Castelo. Catálogo da exposição*. Arruda dos Vinhos.
- GONÇALVES, J. L. M. (1995) – Arruda dos Vinhos. Notas arqueológicas. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa* 2: 510.
- GONÇALVES, J. L. M. (1997) – O sítio arqueológico do Castelo (Arruda dos Vinhos) - Escavações de 1988 a 1993. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa* 3: 5-19.
- GONÇALVES, V. S. (1995): *Sítios, horizontes e artefactos: leituras críticas de realidades perdidas*. Cascais.
- GONÇALVES, V. S. (2005) – *Cascais há 5000 anos*. Cascais.
- GONÇALVES, V. S. - SOUSA, A. C. (2007) - Algumas breves reflexões sobre quatro datas 14c para o Castro da Rotura e o 3º milénio nas Penínsulas de Lisboa e Setúbal. *O Arqueólogo Português* 24, série 4: 233-266.
- GONÇALVES, V. S. - SOUSA, A. C. (2014) – Coruche e as antigas sociedades camponesas. In *Coruche, o céu, a terra e os homens*. Coruche: 39-67.
- KUNST, M. (2010) - Zambujal, a dinâmica da sequência construtiva. In GONÇALVES, V.S. - SOUSA, A.C. (eds.), *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénios a.n.e.* Cascais: 131-154 (Colecção Cascais Tempos Antigos 2).
- KUNST, M. - ARNOLD, F. (2011) - Sobre a reconstrução de estruturas defensivas do Calcolítico na Península Ibérica com base na Torre B de Zambujal (Torres Vedras, Lisboa). *O Arqueólogo Português*, Série V-1: 429-488.
- LEISNER, V. (1965) - *Die Megalithgräber der Iberischen*



*Halbinsel. Der Westen.* Berlin, vol. 3, Text and Tafeln.

LOPES, J. (2016) – *Carta Arqueológica do Concelho de Arruda dos Vinhos.* 2016. Mestrado em Arqueologia (Projecto). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

OLIVEIRA, S. M. C. (2012) - *Incidência Espacial e Temporal da Instabilidade Geomorfológica na Bacia do Rio Grande da Pipa (Arruda dos Vinhos).* Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa, policopiada.

PIMENTA, J., (coord.) (2015) - *Em busca de lerabriga: sítio arqueológico de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira.* Vila Franca de Xira.

SÁ, A. P. - CHÉNEY, A. (2007) –O Povoado do Paço: notícia preliminar. *Al-Madan*, IIª Série-15: 49-52.

SOUSA, A. C. (1998) – *O Neolítico final e o Calcolítico na área da Ribeira de Cheleiros.* Lisboa (Trabalhos de Arqueologia; 11).

SOUSA, A. C. (2003) - O Neolítico final do Penedo do Lexim (Mafra). In GONÇALVES, V. (ed.), *Muita gente, poucas antas.* Lisboa: 305-338 (Trabalhos de Arqueologia 25).

SOUSA, A. C. (2009) – Mapear o povoamento estremenho do 4º e 3º milénio a.C: Um caso de estudo e algumas reflexões sobre os processos de identificação. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 17: 223-236.

SOUSA, A. C. - VALÉRIO, P. - ARAÚJO, M. F. (2004)- Metalurgia antiga do Penedo do Lexim (Mafra): Calcolítico e Idade do Bronze. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7-2: 97-117.

SOUSA, A.C. (2010): *O Penedo do Lexim (Mafra) na*

*sequência do Neolítico final e Calcolítico da Península de Lisboa.* Tese de doutoramento policopiada apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

SPINDLER, K. - TRINDADE, L. (1970) – A póvoa eneolítica do Penedo - Torres Vedras. In *Jornadas Arqueológicas I.* Lisboa, vol. II: 59-157.

SPINDLER, K. (1976) - Die Neolithische Parede Gruppe In Mittelportugal. *Madrider Mitteilungen* 17: 21-75.

TEXUGO, J. (2016) – *O 4º e o 3º milénio a.n.e. no sítio da Ota (Alenquer): Perscrutando por entre colecções antigas e projectos recentes.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

VALENTE, A. (2006) – *Cerâmicas com bordos denteados no Povoado de Vale de Lobos (Sintra).* Lisboa. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

VALERA, A. C. (2013) - Recintos de Fossos da Pré-História Recente em Portugal investigação, discursos, salvaguarda e divulgação. *Al-madan*, II Série-18: 93-110.

VASCONCELOS, J. L. (1898) - *Relatório da exploração da anta do «Casal das Antas de Baixo» (Arruda)* [Manuscrito]. Arquivo de J. L. de Vasconcelos. Caixa 6 (A-B): Apontamentos por proveniência. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

VASCONCELOS, J. L. (1915) – *História do Museu Etnológico Português (1893-1914).* Lisboa.

# OPHIUSSA

## POLÍTICA EDITORIAL

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada sob a direcção de Victor S. Gonçalves em 1996, tendo sido editado o volume 0. O volume 1 (2017) é uma edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. A partir de 2018, os artigos submetidos serão sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (*peer review*). O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro trimestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e recensões bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as recensões bibliográficas.

Todas as submissões serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os trabalhos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / *blind peer review* (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, seleccionará os revisores e acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica. O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores.

O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial.

As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

A publicação de textos na *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica. Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento.

Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada no endereço [www.ophiussa.letras.ulisboa.pt](http://www.ophiussa.letras.ulisboa.pt), onde se pode consultar a totalidade da edição.

Para mais informações contactar: [uniarq@letras.ulisboa.pt](mailto:uniarq@letras.ulisboa.pt)



# OPHIUSSA

## EDITORIAL POLICY

*Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started under the direction of Victor S. Gonçalves in 1996, with the edition of volume 0. Volume 1 (2017) is a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

*Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. From 2018, submitted articles will be subject to a peer-review evaluation process. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

All submissions will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal's editing standards. Papers that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by the directors of UNIARQ and external researchers, will select the peer-reviewers and follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified external researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author(s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality. The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors.

The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.

Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition. Works written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge.

This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of Faculdade de Letras of Universidade de Lisboa. It also has a digital version, in color, available at address [www.ophiussa.letras.ulisboa.pt](http://www.ophiussa.letras.ulisboa.pt), where one can consult the entire edition.

For more information contact: [uniarq@letras.ulisboa.pt](mailto:uniarq@letras.ulisboa.pt)

## ÍNDICE

<i>VICTOR S. GONÇALVES</i> - Ophiussa regressa, em digital e, logo de seguida, em papel .....	5
<i>MARCO ANTÓNIO ANDRADE</i> - O sítio pré-histórico do Sobral do Martim Afonso (Salvaterra de Magos, Portugal): um curioso contexto do Neolítico Final / Calcolítico na margem esquerda do Baixo Tejo .....	17
<i>ANA CATARINA SOUSA - JORGE LOPES</i> - O sítio do Moinho do Custódio (Arruda dos Vinhos): leituras preliminares e algumas considerações sobre o povoamento calcolítico na Península de Lisboa .....	51
<i>PEDRO ALBUQUERQUE</i> - O Guadiana como fronteira? Notas para um projecto de investigação .....	69
<i>ANA MARGARIDA ARRUDA - ELISA DE SOUSA - JOÃO PIMENTA - RUI SOARES - HENRIQUE MENDES</i> - Fenícios e indígenas em contacto no Estuário do Tejo .....	79
<i>ELISA DE SOUSA</i> - Algumas reflexões sobre a fase tardia da Idade do Ferro no Ocidente Atlântico .....	91
<i>CARLOS PEREIRA</i> - Produção e comércio de lucernas durante a Antiguidade Tardia: génese e evolução das lucernas tardo-antigas de produção africana .....	105
<i>JACINTA BUGALHÃO</i> - O papel da mulher na Arqueologia Portuguesa .....	123
<i>RUI BOAVENTURA</i> - VERA.LEISNER@PORTUGAL.PT .....	131
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS - Estudos Arqueológicos de Oeiras, 22 volumes e a contar... (VICTOR S. GONÇALVES) .....	144

